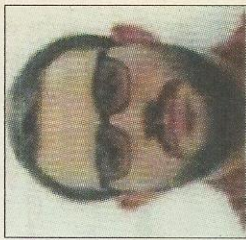


Olhar a qualidade de vida: Uma perspectiva conceptual



RUI PEDRO GOMES PEREIRA
PROF. ADJUNTO
ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Perante a realidade contemporânea, onde, apesar da crise, se regista uma melhoria das condições de vida e do acesso aos cuidados de saúde, o que possibilita o aumento da duração média da vida de cada um dos membros da sociedade, verifica-se paradoxalmente que a mesma encerra uma nova dimensão que se tornou por si só alvo de interesse e estudo. Sendo factual que hoje se vive durante mais tempo, será linear afirmar que se vive melhor, ou seja, com maior qualidade de vida? No presente artigo propomo-nos a sistematizar algumas das ideias nucleares advogadas por vários autores, as quais, no seu conjunto, podem ser entendidas como parte integrante de um conceito alargado, integral e global de qualidade de vida.

Deste modo, para a Organização Mundial de Saúde (1994) esta é

entendida como a «percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objectivos, expectativas, padrões e preocupações». Complementarmente, esta entidade assume que este é «um conceito extenso e complexo que engloba a saúde física, o estado psicológico, o nível de independência, as relações sociais, as crenças pessoais e a relação com as características dominantes do ambiente». Como centralidades conceptuais, observam-se a subjectividade, considerando não só a percepção sobre as condições objectivas de vida mas também a satisfação subjectiva com as mesmas; a multidimensionalidade, isto é, como as pessoas percebem o seu estado físico, cognitivo e afectivo, as suas relações interpessoais e os seus papéis sociais; a bipo-

laridade, porquanto aborda de igual modo as dimensões de cariz positivo e ou negativo.

Outros autores preconizam que o conceito de qualidade de vida também pode ser expresso em contexto de políticas sociais, com uma meta comum a atingir, a saber, a garantia de uma vida óptima e com igualdade de oportunidades para todos. Para alguns, esta variedade de noções é explicada pelo facto de o termo abranger muitos significados, reflectindo conhecimentos, experiências e valores que a ele se reportam em várias épocas, espaços e histórias, sendo portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural. Assim, a natureza algo abstracta que o termo vai evidenciando faz com que, no limite, cada um defina de modo próprio, qualidade de vida. Em paralelo, é importante clarificar que,

diversos investigadores associam ao conceito em análise termos como o bem-estar, a satisfação com a vida, a auto-estima, a saúde, a felicidade, o ajustamento, o sentido da vida e a funcionalidade.

Operativamente apresentam-se as categorias elencadas por Flanagan já em 1978, mas que se mantêm plenas de actualidade: a) Bem-estar físico e material (segurança financeira, pessoal e saúde); b) Relações com os outros (cônjuge, ter e criar filhos, relações com os pais, irmãos e outros familiares e ainda com os amigos); c) Actividades sociais, cívicas e comunitárias (destinadas a ajudar e encorajar os outros e relacionadas com políticas locais ou nacionais); d) Desenvolvimento e realização pessoal (intelectual, compreensão pessoal e planeamento, desempenhar um papel social, sobretudo pela actividade profissional e ainda pela criatividade a saúde.

e expressão pessoal); e) Recreação (socialização e actividades recreativas passivas e ou activas).

Num próximo 'olhar', direccionaremos a nossa atenção para o conceito associado e emergente de qualidade de vida relacionado com a saúde.